

HISTÓRIA DA DANÇA EM PELOTAS: REGISTROS, PERÍODOS TEMPORAIS E CONTEXTOS DA DANÇA

RAMON DE OLIVEIRA GRANADO¹; ROBSON BORDIGNON PÓLVORA²;
ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS³; VIVIANE ADRIANA SABALLA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas/UFPel – r.o.g_20@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas/UFPel – robsonpolvora@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas/UFPel – eleonoracamposdamottasantos2@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas/UFPel – vivianesaballa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é parte das ações de iniciação científica desenvolvidas no *Projeto de Pesquisa Relatos e Registros sobre a História da Dança em Pelotas*, do curso de Dança-Licenciatura desta instituição.

Iniciado no ano de 2013, o referido projeto, em primeira etapa, vem realizando inventário bibliográfico em livros, monografias, dissertações e teses acerca da presença da dança na História de Pelotas, com finalidade de elaborar fichamentos das obras identificadas e selecionadas. Os locais disponíveis para o inventariamento de obras são: Biblioteca de Ciências Humanas da UFPel, Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSUL, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas – IHGPEL, Biblioteca de Universidade Católica de Pelotas e a Bibliotheca Pública de Pelotas. Apenas a Bibliotheca Pública de Pelotas ainda não teve seu acervo levantado.

O propósito aqui é criar um fio condutor entre algumas das primeiras informações históricas que envolvem a dança. Apresentamos dados referentes a conteúdos fichados nos livros identificados na Biblioteca do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel, por ser o maior acervo acessado até o momento, totalizando 28 obras (compreendendo as que se repetem nas demais bibliotecas inventariadas e as obras inéditas). Interessou-nos colher informações relativas ao contexto no qual a dança aparece nas obras, bem como a que período temporal pertencem, como forma de buscarmos um recorte temporal mais definido para o avanço desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

A realização da pesquisa prevê as seguintes etapas metodológicas: 1) inventário bibliográfico sobre a Dança na cidade de Pelotas, no que tange à produção de livros, dissertações e teses; 2) leitura e fichamento dos materiais selecionados; 3) levantamento documental; 4) levantamento de nome de pessoas da comunidade, reconhecidas pelo seu envolvimento com essa linguagem artística; 5) realização de entrevistas; 6) registro e transcrição dos depoimentos.

Na etapa de fichamentos, esta busca por definir um recorte temporal de investigação a partir das notícias sobre dança, seguiu o seguinte protocolo: 1. Leitura e análise de cada obra a procura das expressões de busca *Dança em Pelotas* e *História Geral de Pelotas*; 2. Identificação de outros termos possíveis que apontassem informações sobre dança (exemplos: Saraus, cultura, folguedos, coreografias, bailes, carnaval, folclore, teatro); 3. Anotação de conteúdos pertinentes; 4. Elaboração de arquivos com as transcrições encontradas; 5. Releitura, identificação e organização dos conteúdos fichados a partir das características sobre dança (cujos achados foram: prática religiosa,

divertimento/entretenimento e/ou artística/técnica) e dos marcos temporais (séculos XIX e XX) encontrados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível destacar alguns momentos históricos, compreendidos entre os séculos XIX e XX, em que a dança se apresentava em diferentes contextos, tais como: atividade religiosa, divertimento/entretenimento e prática artística/técnica.

3.1. Século XIX

Partindo do que nos é informado pelo título da obra, “Opulência e Cultura na Cidade de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)”, e sabendo que a Abolição da Escravatura ocorreu no ano de 1888 no País, incluímos neste período temporal o termo “escravos”, associando-o à prática de danças como atividades religiosas e de divertimento, mesmo em meio à repressão de Códigos de Postura¹:

Se é correto afirmar que havia uma certa permissividade dos senhores e autoridades quanto a reunião de escravos em dias especiais (feriados ou finais-de-semana) para a prática de dança, do ‘batuque’ como chamavam, ocorrendo sob os olhos paternalista dos senhores e à luz do dia, tornava-se coibível, passível de controle e representava uma ameaça quando a feitiçaria era realizada a noite no espaço privado, onde as ligações com o ‘tinhoso’ eram acionadas por rituais macabros que visavam o ‘mal’. (MAGALHÃES, 1993.p.46)

Destacamos também o sentido de técnica e arte relacionados com a dança. Uma das informações mais antigas encontradas, até o momento, é um anúncio de serviços disponível no jornal “O Noticiador” com data de 26 de fevereiro de 1835: “[...] ofereceram seus serviços Caetano Ricciolini apresentando-se como mestre de dança, e Izabel Ricciolini, que se dispõe a ensinar meninas a ler e escrever, além de costurar e dançar.” (RUBIRA, 2014 apud MOREIRA, 2013, p.26).

Além disso, foi possível destacar dados que indicam a presença da dança inserida no âmbito escolar, possivelmente como categoria de prática técnica. Segundo Anjos (2000, p.138), “Aristides Guidony: em 1875, era proprietário do ‘Colégio Frânces’, de instrução primária e secundária [...] oferecendo aulas de ginástica, esgrima e dança.”

Contudo, o contexto envolvendo dança que parece ser mais comum no século em questão é o de divertimento/entretenimento. Registros sobre eventos em salões das casas de famílias de elite, saraus e grandes bailes foram facilmente encontrados, a exemplo do trecho a seguir:

O baile que ficou mais famoso receberia nome de Baile do Paço: foi organizado em homenagem à Princesa Isabel e ao Conde d’Eu em 1885. [...] Dando início ao baile, o conde dançou a primeira quadrilha com a Sra. Ribas (da família anfitriã), a segunda com a Baronesa do Arroio Grande e a terceira com a mulher do comendador Rheingantz (dono da já conhecida fábrica, no Rio Grande). A princesa, por sua vez, teve como pares sucessivamente o comendador Bernardo Souza (Presidente da Câmara), o charqueador Heliodro de Azevedo e Souza Filho e o Sr. Miguel Ribas (da família anfitriã). (MAGALHÃES, 1993, p.147)

¹Leis e Decretos promulgados pela Igreja Católica e pela Polícia, que passaram a vigorar no século XIX. Encontramos em VECCHIA (1994) nas páginas 44 e 48 e em MELLO (1994) na página 49, registros referentes à proibição de práticas de Dança em contexto religioso, realizados por negros escravos.

Neste mesmo período ocorreram animados bailes de carnaval. Segundo Magalhães (1993, p.144): “em 1882, por exemplo, o charqueador Brutus de Almeida (filho de Domingos José de Almeida) ofereceu ‘esplêndido baile, que imensamente animado e concorrido prolongou-se até a madrugada’” onde os ritmos mais dançados nessas ocasiões eram ao som de valsas, polcas, quadrilhas, havaneiras e *can-can*.²

3.2. Século XX

A presença da dança, neste século, além de manter todo o legado carnavalesco vindo dos bailes, aparece intrínseca na história dos teatros da cidade e também no Colégio Municipal Pelotense.

Visando a dança no carnaval de Pelotas, encontramos tanto nos clubes e salões quanto em bailes públicos, tornando-a mais popular ainda, como forma de entretenimento. Conforme Barreto (2003, p.18) “Em 1937 [...] o carnaval apresenta características de nítido conteúdo popular, a começar pela música executada, pelo custo de realização e pelo tipo de dança apresentada”.

Na obra “Gymnasio Pelotense” (2002), sobre a história do Colégio Municipal Pelotense no período de 1902 a 2002, encontramos a dança vinculada à vida estudantil, tanto dentro quanto fora da instituição. Até então foi possível observá-la acontecendo, neste ambiente, como lazer, através de registros sobre reuniões dançantes: “Eram as reuniões dançantes que estruturaram o nosso espírito gato pelado? Eram aos sábados. [...] Era um tempo em que os meninos e meninas dançavam timidamente com contato pelo olhar e pelas mãos” (AMARAL, 2002, p.100).

E também como prática de treinamento técnico corporal, como indica a divulgação das atividades desenvolvidas pela escola: “Oferece dança, ginástica olímpica, vôlei, assim como outras atividades que levam o nome da escola para outras cidades, destacando-se em muitas dessas modalidades” (AMARAL, 2002, p. 187). Especificamente sobre as aulas de dança, não encontramos citações sobre quais gêneros eram ensinados.

Ainda no Século XX, identificamos algumas primeiras informações sobre dança como prática e produção artística. Ao que parece, deixa de ser somente técnica corporal ensinada e começa a ganhar espaço como produção artística nos palcos dos teatros Guarany e Sete de Abril, como pudemos observar através dos conteúdos sobre apresentações ocorridas.

Rubira (2014, p.27) cita a fundação do “Instituto de Cultura Física Feminina, a qual no ano 1934, no Theatro Guarany, apresentou uma demonstração de dança clássica com as alunas do curso”, e Varoto (2005, p.56) registra que o “Teatro Sete de Abril, em 1975, foi palco do Espetáculo A Bela Adormecida, oferecido pelo grupo de Balé de Antonia Caringi de Aquino, lotando-o completamente”.

Entre estes e muitos outros espetáculos de dança e seus vários bailarinos que passaram pela cidade, foi possível identificar uma artista que fez seu nome na cidade e fora dela através do Grupo Ballet de Pelotas:

Para a comemoração de seu trigésimo aniversário (...) mais de 80 bailarinos estarão em cena (...). A estreia do Grupo Ballet de Pelotas

²O início do choro encontra-se na formação da música popular urbana brasileira, refletindo a diversidade cultural, étnica e socioeconômica das cidades, onde os gêneros musicais europeus da moda estavam presentes. Rapidamente, as principais danças europeias de salão do século XIX como a valsa, a mazurca, a polca, o schottisch, a contradança e a quadrilha, entre outras, foram adotadas com facilidade em todas as cidades, pequenas e grandes, passando com o tempo pelo processo de transformação em gêneros locais e nacionais. (PETERS, 2006. p. 141-142)

aconteceu em Porto Alegre, no Teatro São Pedro, em outubro de 1972, e sempre sob a direção artística da maîtresse Dicléa Ferreira de Souza, que desde 1958, quando se radicou em Pelotas, vem mostrando a toda comunidade as grandes montagens do ballet clássico e da dança contemporânea, como também tem se dedicado ao ensino acadêmico, buscando a reciclagem e a evolução da cultura e da arte da dança. (Cf. 'Cultura: Grupo Ballet de Pelotas e Escola de Ballet Dicléa Ferreira de Souza apresentam espetáculo na quinta e sexta-feira'. In: Diário Popular, 16/12/2002) (RUBIRA, 2014, p. 27-28).

4. CONCLUSÕES

As informações coletadas foram encontradas dispersas nas obras fichadas, nos diferentes períodos históricos e contextos de vida cultural e social da cidade, apontando um marco temporal bastante ampliado (séculos XIX e XX).

Observamos que a presença da dança na história de Pelotas é indiscutível. Seja no século XIX, como divertimento e entretenimento, seja no século XX, no âmbito popular e artístico.

Ainda há muitas lacunas a serem preenchidas e muitas fontes a serem visitadas. Mesmo com este estudo ainda não concluído, podemos identificar traços da dança, os quais se perpetuam pela história e continuam crescendo atualmente.

São através desses marcos históricos que podemos começar a compreender, de forma sutil, a grande trajetória desta arte na cidade de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Giana L. (Org.). **Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal de Pelotas: entre a memória e a História**. Pelotas: EDUCAT, 2002. 198p.

ANJOS, Marcos Hallal. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: Editora e Gráfica UFPel, 2000. 175p.

BARRETO, Alvaro. **Dias de folia. O carnaval pelotense de 1890 a 1937**. Pelotas: Educat, 2003. 156p.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Cidade de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993. 312p.

PETERS, Ana Paula. Do choro aos meios eletrônicos e uma visão interartes: algumas reflexões para uma história cultural do choro. In: **IV FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE**. Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná. 2006. P. 141-142

RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque Bicentenário de Pelotas: Arte e Cultura**. Santa Maria/RS: Gráfica e Editora Palloti, v.2, 2014. 576p.

VAROTO, Renato L.M. **Contando Pelotas**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2005. 198p.